

Preço é salvação da Copesul

Na opinião do superintendente executivo do Sindicato das Indústrias Petroquímicas da Bahia, Paulo Emanuel, o Polosul vai fazer com que as empresas do setor tenham o máximo cuidado na elaboração dos seus custos, reduzindo ao mínimo suas despesas.

— Afinal, o grande mercado para as exportações petroquímicas brasileiras é a América do Sul, principalmente Argentina e Uruguai. E o Polosul, além de estar bem próximo a eles, fica juntinho ao porto, o que lhes dá maior facilidade de carregamento dos navios, com conseqüente redução de custo de transporte.

Se há esta vantagem a favor do Copesul, o Secretário de Indústria e Comércio da Bahia, Manoel Castro, diz que, em compensação, as indústrias baianas têm maior economia de escala. Além disso, os custos financeiros do pólo de Camaçari são menores porque a implantação do novo complexo ocorreu num período de juros mais elevados. Portanto, as amortizações dos investimentos das indústrias baianas são menores.

O ideal, na opinião de empresários e de autoridades econômicas do Estado, é que haja um acordo operacional, estudando-se produto por produto, a fim de serem estabelecidas cotas para comercialização dos petroquímicos, até que haja uma demanda efetiva que comporte o livre mercado.

Como a Petroquisa, subsidiária da Petrobrás, e detém o maior volume de recursos aplicados em ambos os pólos, os empresários esperam que ela reúna os interessados para discutir a questão. O diretor da Ciquine Petroquímica e do Cofic, Luís

Artigas, não acredita que a Petroquisa venha a adotar uma política em prejuízo do pólo baiano. O Secretário Manoel Castro chega a ser enfático: “O Nordeste não vai ceder mercado para demarragem do Polosul. O que pode haver é um acordo”.

Já o diretor — superintendente da Copene, Ary Silveira, não vê, ainda, motivo para tanta preocupação, com a largada do Polosul. Isto porque, além das matérias-primas básicas, o Complexo gaúcho só vai produzir, inicialmente, três produtos intermediários — polietileno de alta e de baixa densidade e politropileno — e, por enquanto, as outras unidades previstas estão com suas obras suspensas.

Ele reconhece que, para a Copene, a Politen, a Polialden e a Polipropileno, está entrando mais um competidor, o que exigirá uma arrumação especial do mercado, exigindo deles que tentem vender mais no exterior. Para as demais indústrias de Camaçari, segundo Silveira, a situação continuará inalterada.

Evidentemente, a produção adicional desses plásticos aumenta o excedente, pois já há excesso no mercado interno. Mas ele rechaça a idéia de alguns empresários de que o Polosul seja supérfluo. Admite que o Complexo poderia ter sido construído mais tarde, mas lembra que o Copesul foi planejado dentro de uma situação de mercado diferente.

Acrescentou que, de certa forma, a procura dessas resinas vem crescendo gradualmente e, daqui a alguns anos, somente as fábricas existentes na Bahia e em São Paulo não seriam suficientes para atender toda a demanda.